



Os paradigmas da graduação: relato de uma experiência “independente”

Larissa Messias Moraes¹

A sociologia diz respeito às nossas vidas e ao nosso próprio comportamento, e estudar nós mesmos é o mais complexo e difícil esforço que podemos empreender.

Anthony Giddens

O ingresso no curso de Ciências Sociais em meu caso, tal qual para boa maioria, foi uma experiência impactante: saímos de um sistema educacional que impõe conteúdos e teorias que não possuem (ou possuem pouca) utilidade prática, para conteúdos que se pressupõe formar a base para toda a nossa futura atuação profissional.

Entretanto, com o passar do tempo, descobrimos que na verdade, em qualquer processo educativo, o que permanece vivo de tudo aquilo que aprendemos é somente a parte que nos interessa, exatamente por interagir com a nossa realidade. Schopenhauer (2006) teve grande colaboração em me ajudar a entender este processo ao dizer que:

A maior parte de todo o saber humano, em cada um dos seus gêneros, existe apenas no papel, nos livros, nessa memória de papel da humanidade. Apenas uma pequena parte está realmente viva, a cada momento dado, em algumas cabeças. (...) Cada geração que passa rapidamente alcança, de todo o saber humano, somente aquilo de que ela precisa. Em seguida desaparece. (2006, p. 29)

1. Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás, no momento de envio do relato, em maio de 2012. E-mail: larissamessi@gmail.com

Portanto, neste relato me proponho a compartilhar parte da experiência da minha graduação que de certa forma determinou todos os outros aspectos da minha formação.

Em meus primeiros anos de vida acadêmica foi muito forte o reconhecimento de que tudo pode ser objeto de estudo das Ciências Sociais. Em compensação, ainda nas primeiras disciplinas também tive a sensação de que boa parte desse “tudo” já havia sido pesquisado, e que, como graduanda, eu não possuía “*know-how*” suficiente para sugerir ou elaborar uma pesquisa por mim mesma, sem a ajuda integral de um professor. Essa visão errônea desestimula qualquer aluno a ter independência “no pensar, no criar e no agir”.

Infelizmente, esse mesmo pensamento influenciou a minha graduação até o momento em que descobri que as coisas não precisavam ser exatamente assim.

A experiência acadêmica na graduação nos oferece um rol muito diverso de possibilidades e caminhos que nos ajudam a enriquecer os nossos poucos quatro anos de formação: estágios, bolsas de iniciação à pesquisa, à docência, grupos de extensão, de estudos, núcleos de estudos, entre muitas outras atividades extra disciplinares. Tudo isso se apresentava como uma ótima oportunidade para mim, já que durante toda a graduação sempre tive muito tempo livre. Tão rápido quanto pude comecei a fazer parte de grupos de estudos, entretanto, por mais que eu tentasse participar de alguma pesquisa ou bolsa, as oportunidades simplesmente escorregavam ou desapareciam como espuma em minhas mãos, sem que eu pudesse compreender porque não havia dado certo. E assim foi até o início do último ano na faculdade.

Percebendo que se uma atitude não fosse tomada eu deixaria de explorar as possibilidades acadêmicas da minha graduação, resolvi correr atrás do prejuízo dos últimos anos. “Mas como?” - foi a primeira pergunta que fiz. Passei a ficar tão alerta para possibilidades que cada situação se mostrava como uma grande pescaria de ideias e alternativas.





Certo dia, então, o professor coordenador do grupo de estudos no qual eu fazia parte nos deu uma tarefa: um grande encontro estadual sobre ensino e didática estava se aproximando, e cada um de nós integrantes deveria inscrever um trabalho. “Mas como?”, novamente aquela pergunta aparecia. Como escrever um artigo sem experiência? Qual tema desenvolver? Quais aspectos aprofundar? Quais teorias utilizar? Que metodologia empregar e para que fim teria este trabalho? Muitas perguntas apreendidas nas aulas de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social foram empregadas, mas encontrar o melhor caminho para produzir um trabalho se mostrava a parte mais difícil de todo o processo de pesquisa.

Enfim, percebendo que se trataria de um primeiro trabalho e que eu realmente não possuía experiência alguma com elaboração de artigos acadêmicos, já que eu imaginava que este artigo não pareceria em nada com aqueles que eu fiz como prova para as disciplinas de método de pesquisa, busquei um tema com que eu tivesse afinidade e tentei uma alternativa que não me assustasse tanto e que não fosse tão ousada: uma análise teórica seguida de uma proposta didática.

Definir o tema foi a segunda tarefa desesperadora. Anthony Giddens (2005) possui uma definição simples e coerente sobre as áreas de pesquisa da sociologia, que é minha grande área de maior afinidade dentro das Ciências Sociais. Para ele:

Sociologia é o estudo da vida social humana, dos grupos e das sociedades. É um empreendimento fascinante e irresistível, já que seu objeto de estudo é nosso próprio comportamento como seres sociais. A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até investigação de processos sociais globais. (GIDDENS, p. 24)

Partindo desse pressuposto e percebendo que havia muitas coisas que eu gostaria de pesquisar, a próxima pergunta seria: partir de onde e para onde? Foi como buscar uma agulha em um palheiro. A partir do momento em que eu decidi realmente levar a sério a tarefa

de participar desse encontro, cada aula, cada leitura e comentário nas aulas de licenciatura, me mostravam diversas possibilidades diferentes para o meu trabalho. Então, na aula de Estágio III, fui apresentada a Demerval Saviani, uma leitura básica na licenciatura por inspirar grande reflexão educacional. Instigada pela proposta teórica desse autor, e vendo que ela poderia me mostrar um caminho, busquei sobre ele em todas as fontes de pesquisa possíveis que meu grande orientador (Google Acadêmico) sugeria.

Encontrei assim, quase que por acaso, outro autor chamado Luiz Gasparin, que propunha uma didática a respeito da Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani, por sua vez a parte da teoria que especificamente havia me interessado. Quando comecei a ler seu livro, vi que eram tantas as possibilidades de explorar estes dois autores e associá-los à sociologia, que meu tema felizmente estava evidentemente decidido.

Quando temos afinidade com um tema, podemos perceber que as leituras são prazerosas, e não obrigatórias, e que passamos a identificar relações com esse tema em todas as situações casuais. Em meu caso, fiquei por vários meses enxergando pessoas, situações, trabalhos e métodos que utilizavam a proposta histórico-crítica mesmo sem consciência, o que facilitou ainda mais a elaboração da proposta.

Enfim, assim que finalizei o artigo, entreguei para que alguns professores (e também família, amigos e namorado) dessem um parecer, e sem acreditar muito que seria aceito, enviei para a avaliação da comissão do evento.

É importante ressaltar que eu realmente não acreditava que seria aceito, mesmo sendo um encontro de médio porte, por vários motivos: porque não havia sido escrito em coautoria com nenhum professor, o que é o mais comum; eu não possuía sequer a graduação completa, o que na minha cabeça não era o bastante para se inscrever artigos independentes para um evento acadêmico; e também porque nunca houve estímulo significativo por parte dos meus professores passados para que produzíssemos algo. Eu sempre ouvia falar dos trabalhos





realizados a partir das bolsas de iniciação à pesquisa, dos TCC's, mas não via incentivos para além dessas circunstâncias. Como eu não me encaixava em nenhuma dessas alternativas, eu tinha para mim que ao menos havia tentado.

E qual não foi a minha surpresa quando o trabalho foi aceito! Realizei então (com muito nervosismo) a minha primeira comunicação oral, ao lado de mestres e mestrandos, doutores e doutorandos, e as críticas ao meu trabalho, por parte de todos que ali estavam, foi o melhor saldo que eu jamais poderia ter imaginado receber naquele semestre que mudou a minha forma de ver o mundo acadêmico.

Essa experiência abriu portas para muitas outras realizações e conquistas, uma vez que o medo de errar deixou de ofuscar a vontade que existia de tentar, o que fez com que a graduação ganhasse um novo sabor.

Eu havia percebido, depois de tudo isso, que por trás de somente produzir um artigo e conseguir publicá-lo, existe uma motivação que imagino que atinja muitos outros colegas que desenvolvem pesquisas e projetos e que acreditam no que estão desenvolvendo: o ensejo de conseguir transformar algo, de fazer a diferença e se possível para melhor. Isso soa como idealismo, mas busco ser realista ao analisar que todas as nossas ações produzem reações e transformações: seja mudar um grão de areia do lugar ou conseguir subsidiar novas alternativas didáticas para professores, que seria o meu ideal no caso aqui citado.

Desde o momento em que entendi esse “poder” por trás de uma pesquisa, toda a minha perspectiva sobre o espaço acadêmico se transformou. A partir de então todas as experiências da graduação foram vistas com outros olhos. Os textos e trabalhos, as visitas de observação, os estágios, as pesquisas aplicadas, cada nova disciplina, cada nova teoria, e mesmo a convivência em grupo a cada momento me mostravam novas perspectivas e possibilidades de aprofundamento na minha experiência de graduação.

O Professor Carlos Roberto Jamil Cury (2004) colabora na compreensão dessa perspectiva ao elucidar sobre a responsabilidade da

universidade na ampla formação didático-pedagógica de seus alunos, afirmando que esse amplo aparato:

(...) É necessário para a formação de gerações de estudantes qualificados, muitos dos quais voltados para as licenciaturas responsáveis pela formação de outros docentes para atuar na educação básica. Por isso essa relação deve consistir num círculo virtuoso em que as especificidades de cada qual se beneficiem mutuamente seja para a qualificação interna da universidade, seja para a formação de profissionais compromissados, críticos e competentes para o desenvolvimento do país. (2004, p. 778)

Toda aula passou a ser importante para fornecer subsídios para algum trabalho que eu sequer havia começado, mas que poderia um dia começar. Aos poucos os muros foram caindo, entre professor e aluno, entre sala de aula e campo, entre provas e questionários, entre teoria e prática... Aqueles paradigmas existentes nos primeiros anos da graduação, e que suprimiram (de minha parte) qualquer independência que pudesse existir “no pensar, no criar e no agir”, aos poucos mostraram que na verdade não eram paradigmas instituídos, mas simples receios de uma recém graduanda que, naturalmente, possuía muitos medos de errar e sinceras vontades de acertar.

Referências

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Graduação/Pós-graduação: A busca de uma relação virtuosa*. Revista Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 88, p. 777-793, Especial - Out. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n88/a07v2588.pdf>>. Acesso em: 29/04/2012.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

